

Motta Coqueiro, entre o fato e a ficção

Vinner Stutz de Oliveira*

Resumo

Manuel da Motta Coqueiro foi um fazendeiro das terras de Conceição de Macabu, no norte do estado do Rio de Janeiro, em meados do século XIX (pertencente, na época, ao município de Macaé) acusado injustamente pela população de matar seu compadre, que cuidava de suas terras, e toda sua família que morava na sua fazenda, sendo apelidado dessa forma, de "Fera de Macabu". Sendo sentenciado ao enforcamento, lançou uma maldição de que Macaé ficaria sem produzir algo de importância por cem anos. Tal história é muito famosa no Norte Fluminense, principalmente no município de Macaé, sendo parte do folclore e do imaginário popular da região. Tal ocorrido é verdadeiro, mas é envolto de misturas e confusões entre fato real, ditos do senso comum e, o mais curioso, um livro escrito pelo jornalista republicano e abolicionista do fim do Império brasileiro José do Patrocínio, em que ele é tornado em um romance fictício, a história do Motta Coqueiro. O objetivo é, então, estudar esse caso, entender o porquê dessa mistura de elementos e como se confundem fato e ficção dentro da história de um local no imaginário popular.

Palavras-chave: Motta Coqueiro, José do Patrocínio, História e Literatura

Motta Coqueiro, between fact and fiction

Abstract

Manuel da Motta Coqueiro was a farmer from Conceição de Macabu, in the north of the state of Rio de Janeiro, living in the mid of the nineteenth century (at this time, a part of the municipality of Macaé) wrongfully accused by the people of having killed the one who took care of his lands and all his family who lived in the farm, being called "the beast of Macabu" due to this fact. Condemned to death by hanging, he put a curse on Macaé, the town would be a hundred years, without producing something important. This history is very famous in the North of Rio de Janeiro, mostly in the city of Macaé, being part of the folklore and the popular imaginary. This fact is real, but involved in blends and confusions between the real fact, common sense and, the most curious, a book written by the republican and abolicionist journalist of late Brazilian Empire era, José do Patrocínio, who publishes a fictional novel based on the history of Motta Coqueiro. The objective of this article is to study this case, to understand the reason of the blend among this elements and how he confuses fact and fiction of a local history in the popular imaginary.

Keywords: Motta Coqueiro, José do Patrocínio, History and Literature

* Graduando no curso de História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) – Polo Universitário Campos dos Goytacazes

A "lenda" de Motta Coqueiro

Na cidade de Macaé, norte do estado do Rio de Janeiro, existe uma famosa lenda que toda a população macaense é ensinada desde criança tanto a respeitar, quanto a temer. A lenda de um rico fazendeiro campista que era muito amigo de uma família que morava em casa arrendada dentro de sua propriedade rural em Macabu – na época um distrito da cidade de Macaé - e que trabalhava para ele. Só que na comunidade de Macabu, o fazendeiro tinha abertamente inimigos, principalmente por causa de sua vertente política e por ser considerado um homem muito sério, além de ter um relacionamento extraconjugal com a filha de seu amigo que morava na fazenda. Por conta desse relacionamento e do fazendeiro querer que ele fizesse sua própria casa e saísse das dependências do sítio, esse amigo acabaria por ser tornar também seu inimigo.

Um dia então, acontece uma chacina e todos os membros da família daquele que morava na fazenda, inclusive o próprio, são encontrados mortos. A culpa recai então em cima do fazendeiro, que, sem apoio da elite do local, que eram inimigos políticos, e sem apoio popular, por causa do enorme sensacionalismo por parte dos jornais que ao jogar total culpa no fazendeiro, fizeram com que a população ficasse contra ele, se vê prejudicado e foge para tentar se esconder até que as coisas voltassem ao normal. Nesta fuga o encontram e o levam ao tribunal em Macaé, que o julga culpado e dá a sentença de pena de morte. Quando então é levado para morrer na forca, lança uma maldição sobre a população macaense e a sua precária justiça, na qual diz que por derramar sangue inocente, a cidade estaria sentenciada a cem anos sem produzir nada de bom.

O fazendeiro dessa lenda tem o nome de Manuel da Motta Coqueiro (1799-1855), também conhecido como a "Fera de Macabu", apelido que os jornais da época lhe deram, e tal história em terras macaenses é vista, até os dias atuais, como algo totalmente verdadeiro, sendo que a questão da maldição é, tida por muitos membros da população, como algo que realmente existiu e que Macaé, depois de cem anos, foi livrada da terrível maldição e assim conseguiu chegar ao progresso quando a Petrobras se instalou na região, fechando a história com chave de ouro. Além disso, ditos de fantasmas na antiga casa de Motta Coqueiro e no local da forca, foram espalhados, que a maçonaria estaria por trás de todo o ocorrido, além de várias crendices populares que foram espalhadas após se passar todo o tempo da morte de Motta Coqueiro.

Pois a história da tal lenda chegou sim a existir, Motta Coqueiro realmente existiu e toda a trama do crime foi real, porém, sem todos os maneirismos e detalhes adicionados à

história pelo folclore da região. Manuel da Motta Coqueiro viveu por 53 anos e nasceu por volta de fevereiro do ano de 1799, em Campos dos Goytacazes. Era filho de Manuel José da Motta e Ana Francisca do Nascimento, e, assim podemos ver que o nome "Coqueiro" não veio de seus pais, e, na verdade, não se encontra em nenhum de seus parentes ascendentes e descendentes, o que leva à conclusão de que era um apelido, mas não se sabe o modo como adquiriu esse apelido.

Foi casado com Úrsula das Virgens Cabral e teve três filhos. Era descrito como um homem de estatura forte e que tinha uma mancha escura no rosto e traços robustos, o que o fazia ser facilmente reconhecido pelas pessoas da região. Apesar de a lenda o mostrar como um homem de muitos bens, Motta Coqueiro levava uma vida confortável, mas não era um homem muito rico, até porque tinha muitas dívidas. Era um homem de influência na região, mas não de uma enorme influência, algo que foi mais encenado no romance de José do Patrocínio. Tinha em suas posses, o sítio Bananal em Macabu, que na época era um distrito de Macaé, e também a sua casa em Campos, que era alugada, e se encontrava onde hoje é a Santa Casa da Misericórdia, na Praça da Bandeira. Motta Coqueiro tinha 25 escravos, e, por não ser alguém de muito dinheiro, não alforriava de forma ampla seus escravos. E seu sítio em Macabu, local das histórias e lendas, era um local que mantinha com custo, com a ajuda, principalmente, de seu irmão, Antônio Francisco da Motta.

O fato é real, mas todo o sensacionalismo envolto, as questões que circundaram o julgamento e a morte, todas as diferentes interpretações da sociedade, fizeram com que se tornasse uma lenda, e várias pessoas acabam por confundir qual parte da história é verdadeira e qual parte é invenção do imaginário popular. E assim, algo que ajudou a incorporar detalhes imaginados a esse fato verdadeiro foi o livro do jornalista, escritor republicano e abolicionista José do Patrocínio (1853-1905), que, por ser natural de Campos dos Goytacazes, e por já ter uma certa familiaridade com a história da região, propôs-se a escrever uma versão própria dessa história, mas não um texto, ou uma produção historiográfica, e sim um romance, uma ficção em que ele construiria, da forma que lhe aprouvesse, essa história do Motta Coqueiro.

A história contada por Patrocínio

E assim, mesmo utilizando-se na sua narrativa de elementos reais do ocorrido sobre Motta Coqueiro, como personagens que realmente existiram, locais que fizeram parte de toda essa história, nas cidades de Macaé e Campos dos Goytacazes, relacionamentos que encaixam com o que ocorreu - até porque provavelmente pesquisou bastante sobre o assunto em arquivos na cidade do Rio de Janeiro, embora não haja nada dito sobre isso. Era tudo uma

ficção do José do Patrocínio, algo que foi utilizado pelo autor para construir um romance, mas não um romance somente, e sim, algo que carregasse seus pensamentos sobre a condição do escravo, o assassinato político - visto que Motta Coqueiro, em parte, foi morto por seus adversários políticos, pois era uma autoridade do Partido Conservador de Campos e tinha ferrenhos inimigos do Partido Liberal e a trama política do Império foi criticada no livro, como algo que permitisse tal injúria - e a pena de morte.

José do Patrocínio foi um importante escritor e jornalista do final do século XIX. Além de escritor e jornalista, foi também farmacêutico, orador e ativista político, na verdade, um dos mais importantes nomes dos movimentos abolicionista e republicano, além de ter sido o fundador da cadeira 21 da Academia Brasileira de Letras. Patrocínio nasceu no ano de 1853 em Campos dos Goytacazes. Era filho de um padre chamado João Carlos Monteiro, vigário influente na região, e de uma de suas escravas, uma jovem escrava de 15 anos chamada Justina do Espírito Santo. Apesar de não ter sido reconhecido pelo padre como seu filho, por motivos que se pode entender, ele foi acolhido na fazenda em que o padre era dono, na Lagoa de Cima, e, mesmo sendo livre desde a infância, acabou por presenciar o sofrimento vivido pelos escravos na fazenda de seu pai, o que lhe deixou marcas para o resto de sua vida.

Ao terminar sua educação básica, então com catorze anos, Patrocínio decide ir morar no Rio de Janeiro, com a permissão de seu pai. Chegando ao Rio, trabalha em alguns empregos somente para se manter, até que consegue passar para a Faculdade de Medicina no curso de Farmácia, depois de algum tempo estudando num curso preparatório bancado por seu próprio investimento, fruto dos trabalhos que vinha fazendo. Ao terminar a faculdade, saiu da república em que morava para morar de aluguel na casa de um ex-colega da faculdade. O aluguel da casa era pago com as aulas que Patrocínio lecionava aos filhos do padrasto de seu colega, o padrasto era o Capitão Sena. Este, por sua vez, era um proprietário de alguns imóveis e terras e tinha certo prestígio político, tanto que era nessa residência onde funcionava o "Clube Republicano", com membros como Quintino Bocaiúva e Lopes Trovão, e foi aí que ele começou a sua jornada republicana, além de se casar com a filha do Capitão Sena, que mesmo se queixando desse relacionamento no início, aceitou por acolher.

Dessa forma, no meio da década de 1870, começa a fazer seu nome no meio jornalístico, fazendo em 1875 um jornal quinzenal satírico chamado "Os Ferrões", em que fazia dupla com Demerval da Fonseca e se trazia críticas à monarquia e utilizavam os pseudônimos Notus Ferrão e Eurus Ferrão - Patrocínio e Fonseca, respectivamente. Além, desse, na mesma década começou a fazer parte do jornal Gazeta de Notícias, como redator e o

responsável pela coluna que falava dos parlamentares e suas políticas. Utilizava-se do pseudônimo Prudhome e foi nesse jornal, no finalzinho da década, que começou a fazer sua luta pela campanha da abolição da escravatura. Por essa época, na qual entrava no jornal Gazeta de Notícias e escrevia sobre política imperial e abolicionismo, que lançou o romance do qual falamos nesse artigo.

Então, surge assim, o livro "Motta Coqueiro e a Pena de Morte" lançado em 1877, sendo num contexto em que começava a se chegar, pelo final do período imperial, uma época em que iniciava o efervescer dos ideais de república e abolição da escravatura. Algo que Patrocínio estava completamente envolvido, mas que não era um grande nome no movimento, visto que ainda era muito novo, então com 24 anos, e estava nos seus primeiros passos como jornalista, sendo que foi nesse ano que Patrocínio entrou na "Gazeta de Notícias". Pode se dizer até que foi uma das obras que fizeram ele ganhar certa notoriedade, junto com suas críticas no jornal, nesse início de sua vida de escritor. As críticas feitas no livro à forma como o Império tratava a justiça, principalmente com brigas políticas, foi algo que chamou atenção.

Portanto, dessa forma, podemos ter a ideia de que Patrocínio se utilizou de uma história que era muito falada na região em que nasceu desde sua infância, e, provavelmente ouviu muito sobre as lendas de Motta Coqueiro durante sua formação na fazenda em Campos, para lançar dúvidas e críticas ao Império brasileiro que vinha chegando em sua reta final. Era o começo das ideias abolicionistas e republicanas, e por isso vemos no livro importantes personagens escravos, questionadores e altamente essenciais para a trama, além de pôr em cheque a disputa política desenfreada e sem motivo aparente, entre os conservadores e os liberais daquela região, tanto em Campos dos Goytacazes, quanto Macaé, em escala menor, para se falar da política brasileira, em escala maior.

Sendo assim, na época de seu lançamento, o livro recebeu boas críticas, principalmente, daqueles que eram contrários ao Império e aos seus mecanismos de justiça e de contenção social, aproveitando do livro de Patrocínio para exaltarem suas questões, se mostrarem contra o chamado assassinato político. Durante esse período, começaram a catalogar o texto de Patrocínio como "literatura verdade", e também sem deixar de prezar por sua riqueza literária em si, além de ser uma boa leitura ficcional.

Emprega-se então, a oportuna história para utilizá-la em seus ideais, e aquilo que já vinha acontecendo com a tal história de Motta Coqueiro, que desde sua morte em 1855 foi totalmente repleta de notícias a seu respeito, sobre como era inocente, como foi completamente injustiçado, como o seu fantasma e sua maldição assolavam a população

macaense – foi ainda mais envolvido por confusões depois do livro de Patrocínio ser lançado. O romance foi por muitas vezes deslocado de seu contexto e empregado como uma verdade, como um fato, seja por leitores que interpretaram mal a proposta do livro, seja por pessoas que não o leram, ouviram a história de Patrocínio pela boca de pessoas que juraram ser verdade, e assim, a história adquiriu todo um contexto de não se saber onde começa o fato e termina a ficção, confundindo mesmo, pesquisadores que abordam o tema.

A mistura do fato e da ficção no imaginário popular

Dentre aquilo que se pode citar como confusões que o livro trouxe para o imaginário popular, tem-se primeiramente uma questão que nem se encontra na ficção do Patrocínio, mas sim num fato sobre o próprio livro, no caso, a data. O enforcamento de Motta Coqueiro ocorreu em 1855 e o livro foi lançado em 1877, e muitas pessoas da população macaense creditam à data do livro como a data em que o fazendeiro foi enforcado, fazendo isto parte até mesmo da própria lenda da maldição. Segundo a lenda, dizia-se que a Petrobrás chegou exatamente cem anos depois da referida maldição, quando na realidade a maldição deveria ter sido "quebrada" em 1955 e não na década de 1970.

Dessa forma, a maldição não se cumpriria, já que a década de 1950 e a posterior foram décadas difíceis para a economia macaense, visto que os principais produtos na época eram a pesca e o açúcar, porém, o açúcar na região se encontrava num período de larga crise – crise essa na verdade vinda já de um tempo, desde a década de 1930, com a também crise do café, que transformou o foco da economia rural da serra macaense - o que fez com que a população rural fosse em grande número para a cidade, ocasionando níveis altos de desemprego e exclusão social, de um meio urbano que basicamente se valia da economia pesqueira.

Existem dois elementos principais – dentre vários que poderíamos mencionar – que fazem parte somente do livro, e não do fato, mas que o dito popular se apoderou e adicionou à história. O primeiro seria o culpado da morte do Francisco Benedito (o que vivia nas terras do Motta Coqueiro), que dentre a grande maioria dos personagens do livro que realmente existiram, era um dos poucos que não existiu e que o autor se apropriou para fins ficcionais, sendo assim, um personagem inventado pelo próprio autor para ser aquele que matou friamente toda a família.

O nome do personagem é Herculano e na trama era um escravo que quando era mais jovem sofreu algum tipo de injúria cometida por Francisco Benedito – qual injúria, o livro não diz – e assim se acometeu de uma mágoa para com ele e de um forte desejo de vingança. Só

que esse personagem é completamente deslocado nessa trama, não tem qualquer tipo de relação em momento algum do livro com o Motta Coqueiro e com nenhum dos outros personagens principais, exceto com o antigo feitor do fazendeiro, que o ajuda a "tecer" sua vingança. Por ser dessa forma, ninguém suspeita ser ele o autor do crime, o que só é revelado para seu filho em seu leito de morte:

Passados alguns minutos, Herculano era cadáver, e seu filho, obedecendo a ordem que dele recebera, declarava diante de testemunhas que seu pai fora o assassino de Francisco Benedito e sua família. Juntava que Motta Coqueiro nem ao menos tinha conhecido Herculano! [...] O povo de Itabapoana murmurou acerca da confissão de Herculano, tão baixo, quanto alto clamaram campistas e macaenses contra Motta Coqueiro. E ainda mais, depois de vinte e cinco anos de opróbrio sobre uma família mártir, há corações tão miseráveis que ousam continuar a infamar a memória da vítima da cegueira jurídica, mesmo depois da declaração terminante de um moribundo. (PATROCÍNIO, 1977, 261)

Algo curioso desse personagem fictício é que o autor dá pouquíssimas informações sobre ele, quase que querendo omiti-lo de todo o restante da história. Ele só entra no romance momentos antes de ocorrer e, mesmo dizendo que buscou vingança com o Francisco Benedito por algo que lhe fez no passado, não diz mais nada sobre isso, nem mesmo mais nada de relevante sobre seu passado. Tornando-o somente um misterioso personagem que aparece para matar o compadre do Motta Coqueiro e, dessa forma, fazer com que a culpa caia toda sobre os ombros desse último. Nem ao menos apresenta um intermediário entre o momento do crime e sua confissão. É um personagem desses dois momentos, apenas.

Esse personagem então é inserido dentro de toda a lenda em cima do fato, e assim é citado por alguns, inclusive renomados pesquisadores – tanto historiadores quanto jornalistas – como o verdadeiro culpado pelo crime, até mesmo utilizando a confissão para o filho para justificar o porquê desse palpite. Esse é um bom exemplo de como essa narrativa está tão vinculada à história e à lenda, que até mesmo intelectuais, estudiosos, caem na armadilha de creditar a um ser fictício um crime real. Tal fato também ocorre na cidade de Macaé, onde o escravo também é citado por elementos da população como sendo o verdadeiro culpado.

Enquanto isto, outros também citam a mulher do Motta Coqueiro – esses usando o argumento do ciúme que ela sentia da filha de Benedito que mantinha relações com seu marido – ou mesmo algum escravo seu, como quem cometeu o crime. Dizem ser esse o argumento mais convincente de quem realmente cometeu o crime, mas tal coisa ainda é dúvida até os dias atuais, não se sabe ao certo. Porém, a mulher de Motta Coqueiro, depois do ocorrido, começou a sofrer problemas mentais, diziam que ela estaria louca, e ela ainda ficava

balbuciando pela sua casa que sentia culpa pela morte do marido, que não deveria ter feito aquilo, dentre outras falas – fato esse contado tanto pelo livro, quanto por pessoas que realmente conviveram com ela, o que pode demonstrar o quanto o livro pode confundir os seus leitores - às vezes não conseguem discernir entre fato e ficção, um dos motivos do livro ter se entrelaçado à história real.

O segundo elemento do livro seriam as relações que seus inimigos, tanto aqueles adversários políticos da elite, como pessoas comuns que testemunharam contra ele por não simpatizarem com sua figura, mantinham para se alcançar o objetivo de matar o Motta Coqueiro. Porém na história, todos esses personagens de diferentes classes sociais na região de Macabu se correspondiam entre si para tramar todo o esquema para a morte do fazendeiro. Mas na realidade, a maioria desses nomes que testemunhou contra ele não se correspondiam - alguns deles nem eram propriamente de Macabu e outros falaram contra Motta Coqueiro por ouvir falar que ele cometeu tal crime, e não por ter contato com ele e ter presenciado. O que na verdade percebe-se no tribunal, é que nenhuma das testemunhas presenciaram a cena, só mesmo conheciam o caso ou viram os corpos, o que instiga mais ainda a dúvida e faz com que diferentes interpretações acerca do ocorrido apareçam.

Mostra dessa forma, mais um equívoco do imaginário popular sobre a real história, e mais uma vez se mistura a narrativa histórica com a narrativa literária na cabeça da população. Na tradição oral do município sobre a lenda do Motta Coqueiro, ensina-se que todos aqueles que testemunharam contra ele o conheciam de onde morava em Macabu, inclusive tiveram vivências com ele, mas tinham argumentos contra a ele, julgando-o uma pessoa ruim, pelo fato de não gostarem da pessoa de Motta Coqueiro. Porém, vimos que não foi o que aconteceu. Grande parte dos que testemunharam, disseram sobre algo que só ouviram falar, dizendo que era culpado, mas sem presenciar a cena, e sem ao menos conhecerem o réu. Só o julgaram culpado por um sentimento coletivo de querer culpá-lo, por falácias que havia na região de Macabu.

Então, se apropriaram de uma narrativa de José do Patrocínio, que fala da participação de toda a população nesse julgamento, conhecendo a vítima, conhecendo o réu, sendo eles até mesmo massa de manobra dos interesses da liderança política daquela região. Algo que é contado até hoje como sendo real. Pode-se perceber no livro o uso de personagens próximos a Motta Coqueiro denunciando-o falsamente, diferente do que realmente existiu, já que eram pessoas que não tinham contato com ele, fazendo igualmente falsas denúncias:

Balbina e Carolina, cujos depoimentos serviam de base à condenação do fazendeiro, foram libertas pela generosidade popular, que podia consentir em que os dois instrumentos tão úteis ao serviço da justiça fossem traiçoeiramente quebrados pela vingança dos parentes do ex-senhor das duas pretas. (PATROCÍNIO, 1977, 257)

Podemos perceber, por esse trecho, que, no caso do livro, duas escravas de Motta Coqueiro entregaram seus atos falsos como verdadeiros, com um certo sentimento de vingança e também por terem sido instruídas e convencidas de que ele era culpado. É também interessante reparar, olhando esse exemplo, o papel do escravo na literatura de Patrocínio. Dentro do livro, algo a se salientar, que é pouco comentado, é a questão de que outras três pessoas, no caso, escravos de Motta Coqueiro, também foram dados como culpados pela população e morreram junto do seu senhor. É interessante ver como Patrocínio dá destaque a essas três mortes, junto com Motta Coqueiro, mesmo que a história não fale delas, e até de certa forma as despreza, visto que essas duas mortes não fazem parte da lenda do Motta Coqueiro. Elas realmente ocorreram, não só no livro, embora o livro fale delas, dando boa parte de suas páginas a elas, enquanto que a população, na lenda e de fato, ou pouco comenta, ou nada fala sobre esse ocorrido:

O magistrado que presidia a sessão deu então a sentença marcada pelo código - a pena de morte; e apelou dessa decisão. "Ai!" Resmungou o desgraçado Domingos, "os brancos são cegos; não querem ver a verdade!" (PATROCÍNIO, 1977, 244)

Vê-se então como muito da ficção pode se inserir na realidade; e, se mesmo um livro feito por Patrocínio, sendo abertamente um romance que não tem compromisso algum em dizer a verdade, é levado na memória popular como a verdade, o que dirá de textos que pretendem dizer sobre uma verdade que não existiu, que é falsa? Tzvetan Todorov no livro *As Morais da História* conta de casos de narrativas em que falsificações que pretendiam se valer da verdade e também de interpretações diferentes da verdade, para o autor, não podem ser desconsideradas, haja visto que é uma forma diferente de se enxergar ou de se construir a verdade encontrada no fato, ou mesmo, o próprio fato.

A partir da análise de Todorov, entendemos que o livro de José do Patrocínio é um texto não-assertivo, ou seja, um texto no qual o autor não se expressa diretamente – como em textos filosóficos, por exemplo – mas sim se vale de um personagem para apresentar suas idéias, de forma indireta, empregando seu discurso na boca de personagens imaginados. Porém, Patrocínio não traça uma narrativa de uma situação completamente imaginada por ele, mas sim se vale de um fato para escrever, toma indivíduos reais para uma narrativa imaginada, mesmo que com situações que existiram, fazendo uma espécie de "romance

verdade", que, mesmo que não tenha esse total compromisso com a história, apresenta sim um certo compromisso, o que talvez tenha ocasionado essa confusão na cabeça de alguns, não entendendo a narrativa completamente nova que o autor construiu para algo já existente e, portanto, introduzindo-a ao fato.

Dessa forma, vimos apresentando durante todo o texto, que o folclore da região Norte Fluminense, mais precisamente da cidade de Macaé, utilizou do "romance verdade" de Patrocínio como verdade, sem saber que era ficção, por confusão criada pela mesma população, ao cair na ilusão de achar que se tratava de um texto biográfico, jornalístico ou histórico, ou mesmo por confusão por parte daqueles que não leram o livro, só ouviram falar da história e a introduziram dentro do folclore popular, do imaginário da lenda, que já vinha sendo construída desde a morte de Motta Coqueiro no meio da década de 1850, à qual foi-se adicionando elementos enquanto o tempo passava. Talvez algo que ajudou nesse tipo de interpretação seja o fato de que o livro começa a contar a história, primeiro pelo enforcamento de Motta Coqueiro e seus dois escravos, para desse ponto se desenrolar todo o romance, voltando à fazenda em Macabu.

Talvez seja também importante pensar a relação de História e Literatura como pensada em outros autores. Pois, temos em Carlo Ginzburg (2004) uma referência que poderia também ser aproveitada para entender a leitura acerca desse fenômeno do texto de Patrocínio, sendo que podemos citar a intertextualidade, ou seja, a questão de como o diálogo entre textos e entre pessoas e personagens – sejam reais ou fictícios - seria essencial para a criação, não só do texto de Patrocínio em si, mas de toda a lenda, tanto antes, quanto depois da publicação do livro. Até porque Ginzburg escreve que um texto, um documento, mesmo um diálogo e uma história, não é fruto somente de uma pessoa ou de uma relação, mas sim múltiplas que se tocam. Nessa discussão e debate, poderíamos também citar Roger Chartier com a questão de que todo documento – mesmo literário é representação do real e de como isso influenciaria na cultura e, dessa forma, uma troca entre o fato, a cultura, a lenda, a população, e o próprio Patrocínio.

Considerações finais

José do Patrocínio não constrói sua narrativa de forma "histórica", com uma base feita para ser interpretada por uma "verdade de adequação", mas de forma a ser desvendada (TODOROV, 1991, pp.125-141), um romance que "brinca com a história" para se apresentar ideias republicanas e abolicionistas do autor, e não um romance que pretende "fazer a história". Esse romance deve sim ser comparado com a história, pois ele se pretende a isso, ou

seja, de não ser interpretado como algo real. Apesar disso, não nos apresentamos contrários ao folclore construído a partir disso tudo, faz parte da cultura da região e se inseriu de forma interessante ao cotidiano da população, porém deve ser entendido com isso tudo que certos elementos são imaginados pelo autor e não existiram a não ser no romance e no imaginário do norte fluminense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

DIAS, Robson Santos. *A formação de uma aglomeração industrial em Macaé, RJ: uma caracterização da espacialidade da indústria petrolífera e seus impactos no espaço urbano macaense e sua região de entorno*. Monografia de final de curso de Licenciatura em Geografia. Centro Federal de Educação Tecnológica de Campos, 2005. Disponível In <http://www.macaee.rj.gov.br/midia/conteudo/arquivos/1296231221.pdf> Acesso em 3/07/2017.

GINZBURG, Carlo. *Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MARCHI, Carlos. *Fera de Macabu, a história e o romance de um condenado à morte*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

PARADA, Antônio Alvarez. *Histórias Curtas e Antigas de Macaé*. Rio de Janeiro: Artes Gráficas, 1995.

PATROCÍNIO, José do. *Motta Coqueiro ou a Pena de Morte*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

TODOROV, Tzvetan. *As Morais da História*. Lisboa: Pub. Europa América, 1991.

VASCONCELOS, Antônio Antão. *Crimes Célebres de Macaé*. Macaé (RJ).